

ENTOMOLOGIA PITORESCA I – OS INSETOS NAS CRENÇAS, SUPERSTIÇÕES E MEDICINA POPULAR. ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

HITOSHI NOMURA

Professor aposentado da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo (nomura33@terra.com.br)

(Entomologia pitoresca I – Os insetos nas crenças, superstições e medicina popular. Análise bibliográfica) – Há muitas particularidades interessantes sobre os insetos, desde sua biologia até seu uso na medicina popular e sua aparição nas crenças, lendas e superstições dos povos. Este artigo trata da segunda subclasse da Classe Insecta: Pterygogenea, com 26 ordens. Começamos com 12 ordens dessa subclasse, deixando as demais para outra contribuição. Os insetos que mais aparecem nas crendices, lendas e superstições são os gafanhotos, grilos, baratas, cupins e louva-a-deus. Os insetos utilizados na alimentação são os gafanhotos, grilos e baratas e eles aparecem no cardápio principalmente dos indígenas e classes pobres. Vários insetos são utilizados na medicina popular para tratamento de várias enfermidades, como gagueira, retenção de urina, litíase, otites, asma, icterícia etc.

Palavras-chave: Insetos, superstição, insetos como alimento, medicina popular, entomoterapia.

(Picturesque entomology I: Insects in beliefs, superstitions and folk medicine. A bibliographic analysis) – There are many interesting particularities regarding the life of insects, its use in medicine and appearance in legends and superstitions of the people. This article deals with the insects of the subclass Pterygogenea (12 orders). The most common insects in legends and superstitions are grasshoppers, crickets, cockroaches and praying mantis. Grasshoppers, crickets and cockroaches are used as food by Indians and poor people. Several insects are used in folk medicine (entomotherapy) for the treatment of various illnesses such as stuttering, urine retention, lithiasis, otitis, asthma, jaundice, etc.

Key words: Insects, superstitions, insects as food, folk medicine, entomotherapy.

INTRODUÇÃO

Aquele que leciona ou pesquisa sobre a vida dos animais fica fascinado com os hábitos apresentados por eles. As pessoas humildes, então, inventam as mais estapafúrdias crendices, superstições, lendas e usos na medicina popular.

O folclore dos insetos brasileiros é muito rico, tendo ensejado a publicação de livros específicos por parte de LENKO & PAPAVERO (1996) e Messias CARRERA (1991).

MELLO-LEITÃO (1944) forneceu-nos uma belíssima apreciação sobre a vida dos animais. Muitos costumes, crenças, lendas e usos na medicina popular envolvendo os invertebrados do Brasil e de outros países foram tratados nessa obra.

Uma introdução à zooterapia popular no estado da Bahia foi publicada por COSTA NETO (1999), lotado no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, autor também de inúmeros artigos originais sobre o assunto. Vale notar que o uso dos insetos na medicina popular (entomoterapia) é muito antigo (COSTA NETO, 2005).

Nesta contribuição, colocamos as informações contidas nos livros dos cronistas, viajantes e naturalistas que escreveram sobre o país. As citações dos autores foram feitas na ortografia atual, por questão de uniformidade, e em alguns casos são traduções feitas por nós. Alguns dados originais foram inseridos no texto. Para tornar mais amena a leitura, foram incluídas algumas informações biológicas sobre os insetos tratados.

A finalidade principal do artigo é a de anotar as curiosas observações biológicas e folclóricas feitas sobre os

nossos insetos, visando principalmente auxiliar os estudiosos da entomoterapia com dados antigos, difíceis de serem obtidos e/ou localizados. Alguns insetos mereceram textos extensos, visto servirem também como recursos alimentares.

CLASSE INSECTA

Esta classe do Filo Arthropoda apresenta o maior número de espécies animais, assim como em quantidade.

A entomologia é a parte da zoologia que trata dos insetos. A palavra inseto foi aplicada pelo grego Aristóteles aos animais dotados de corpo segmentado. Antigamente todos os animais articulados eram tratados pela entomologia, até que Latreille empregou essa palavra para designar somente os animais com seis patas (hexápodos).

Segundo COSTA LIMA (1939, 1:17-19), essa classe está subdividida em duas subclasses: Apteriyogogenea e Pterygogenea. A primeira possui duas Ordens: Thysanura e Collembola. A segunda, 26: Ephemerida, Odonata, Perlariae, Embiidina, Orthoptera, Grylloblatoidea, Phasmatoidea, Dermaptera, Diploglossata, Dictyoptera, Mantodea, Isoptera, Zoraptera, Corrodentia, Mallophaga, Anoplura, Thysanoptera, Hemiptera, Homoptera, Panorpatae, Suctoria, Neuroptera, Trichoptera, Lepidoptera, Coleoptera, Strepsiptera, Hymenoptera e Diptera.

APTERYGOGENEA

Esta subclasse não apresenta nenhuma ordem que interesse a este trabalho.

PTERYGOGENEA

Nesta subclasse não serão tratadas as ordens Perlariae, Embiidina, Grylloblatoidea, Diploglossata e Zoraptera, visto que seus representantes não apresentam dados pertinentes a este trabalho.

Ordem Ephemera

Do grego *ephemeros* = de um dia. As efêmeras apresentam vida aquática quando larvas e terrestre quando adultas. São hemimetabólicas, ou seja, de metamorfose incompleta. Os machos morrem logo após a cópula e as fêmeas morrem logo após a postura. São insetos importantes na alimentação dos peixes.

STRADELLI (1929:525) dá-lhe o nome de meruxinga: “Quase mosca. Mariposa (*sic*) Ephemera, que em tempo de enchente aparece em quantidade realmente extraordinária, chegando a cobrir com seus cadáveres enormes superfícies nos lagos, e formando uma linha ininterrupta de milhas e milhas no fio da corrente dos rios. Fraca voadora, viajando em colunas compactas; a mais pequena aragem a derruba.”

Em um filme sobre o Rio Nilo, Jacques Cousteau mostrou várias nuvens de efêmeras que apareceram acima de um lago.

SANTOS (1961:38) dá-lhe o nome vulgar de siriruiá, nome indígena: “Esta denominação encontra-se deturpada em aleluia, nome dado também, geralmente, às fêmeas aladas de cupins. A analogia está em que as formas aladas do cupim aparecem em grandes bandos, como as siriruias.” Estes insetos medem de alguns milímetros até 5 centímetros de comprimento, representados por 900 espécies no mundo. A espécie brasileira mais comum é *Hexagenia albivittata* (Walker). O nome efêmera se deve ao fato do inseto adulto só viver algumas horas, tempo suficiente para o acasalamento. Entretanto, a fase larval é demorada: dois a três anos. A fêmea deposita de 700 a 5.000 ovos, dependendo da espécie. Apenas os ovos depositados na água é que se desenvolvem. Após a dança nupcial, a maioria cai na água, sendo comida pelos peixes. É por essa razão, acrescenta SANTOS (p. 39), que “Os pescadores do nosso litoral sabem disso e quando da revoada das siriruias dizem que os peixes ‘não pegam’ porque estão com a barriga cheia.”

Na França, chegam a vender os adultos para servirem como alimento aos pássaros insetívoros que vivem em cativeiro. Suas larvas são importantes na piscicultura.

Ordem Odonata

Nome derivado do grego *odous* = dente e *gnathos* = maxila. Seus representantes são conhecidos pelos nomes vulgares de lavadeira, lavandeira, lava-bunda e cavalo-de-judeu (COSTA LIMA, 1939, 1:71). São excelentes voadores, que caçam outros insetos.

Escreve esse grande entomologista (p. 79) que “É nas horas de sol a pino que os Odonatos aparecem em maior número, voando perto das coleções de água em que se criaram” e que, segundo Tillyard, “até certo ponto as la-

vadeiras, inconscientemente, prestaram um relevante serviço à humanidade, pois serviram de modelo natural para o traçado do aeroplano. A idéia de se fazer uma máquina de voar modelada nesses insetos foi primeiramente sugerida por Amans em 1883. Mais tarde, foi essa mesma idéia que orientou o nosso patricio Santos Dumont na confecção do seu primeiro aeroplano, por ele denominado ‘Demoiselle’, aliás o nome popular dos Zygópteros na França, onde realizou as suas memoráveis experiências.”

No nordeste há um uso interessante da libélula (CÉSAR, 1975:244): “Na região da Mata de Pernambuco o rapaz, desejoso de possuir uma moça, torra uma libélula e a reduz a pó, para soltar esse pó sobre o lugar onde a moça urinou.”

Ordem Orthoptera

Este termo provém do grego *pteron* = asa e *orthos* = reta. É nesta ordem que se encontram os gafanhotos, as esperanças, os grilos e os grilos-toupeiras, muito conhecidos do povo. São insetos paurometabólicos, ou seja, seu desenvolvimento se faz por simples transformação, sem metamorfose verdadeira.

A ordem foi subdividida em duas subordens: Acridoidea e Tettigonioidea.

Na primeira estão os Acrididae, popularmente chamados de gafanhotos, que podem ser separados dos grilos e esperanças pelas antenas, que são mais curtas do que o corpo. Diferem dos grilos-toupeiras porque suas patas anteriores se assemelham às do par mediano.

As principais espécies de gafanhotos são, segundo COSTA LIMA (1939, 1:128): *Locusta migratoria* (Linnaeus), que causa danos às plantas na Europa, Ásia, África e Oceania; *Dociostaurus maroccanus* (Thunberg), das regiões montanhosas e secas do Mediterrâneo; *Schistocerca gregaria* (Forskål), o gafanhoto da Bíblia, uma das pragas egípcias; *Schistocerca paranensis* (Burmeister), o gafanhoto migrador da América.

Crenças sobre gafanhotos, seu aproveitamento como alimento e uso na medicina popular

Com relação ao uso medicinal de gafanhotos, LESSER escreveu em 1742 (2:192): “Os vapores de gafanhotos são usados contra a retenção de urina, particularmente na das mulheres. Certas pessoas penduram estes insetos ao pescoço durante as febres quartãs. Eles provocam a urina e expelem os cálculos renais, quando a pessoa os come ou quando toma o pó que deles resulta.”

BODENHEIMER registra (1951:40): “No palácio de Assurbanípal, perto de Nínive (século VIII antes de Cristo) vemos, entre os servos que trazem vários pratos para um banquete real, um deles lotado com gafanhotos espetados.”

Lembra SANTOS (1961:56) que “Entre os insetos mais apreciados pelos antigos e modernos lá estão os gafanhotos. Livros velhos, como a Bíblia, já nos dão disso conhecimento e Moisés, que era tão escrupuloso em matéria de alimentação, julgando imundo a enguia, o porco, etc.,

permitia que se devorassem gafanhotos, naturalmente por motivos econômicos, como bom judeu que era. Comer uma praga, que devora o trigo e tudo mais que o homem semeia, sempre fica mais barato que usar inseticidas. Ademais, ninguém precisa criar gafanhotos, eles proliferam até a muito pesar nosso.”

“Houve santos bem qualificados em nosso calendário, que comiam gafanhotos, como São João Batista. Isso nos diz um colega daquele santo protetor dos fogueteiros. De feito, São Mateus diz no seu tão verídico testamento, que São João, quando fora pregar no deserto da Judéia, alimentava-se de mel e gafanhotos. Talvez o passadio não fosse tão mal como parece, a nós outros, de apetite depravado pelos quitutes da ultra civilizada cozinha francesa. A crer no explorador Livingstone, os gafanhotos são muito mais gostosos que os camarões. Na Picardia e outras partes da França, ainda em tempos não tão remotos, se comiam gafanhotos, que se encontravam à venda no mercado.”

Continua SANTOS: “Li, já não me ocorre onde, que o povo perdeu tão útil costume, porque o povo, que detestava o quitute, começou a dizer que os acridófagos, quando chegavam à idade dos quarenta anos, enchiam-se de piolhos alados que o devoravam vivos.” E mais adiante (p. 56-57): “Na Algéria, na região saariana, quando aparecem gafanhotos, há grande regozijo porque se tem alimento assegurado por algum tempo, e o saariano come-o sob a fé do Corão: ‘Aquele que não come de meus gafanhotos, de meus camelos e de minhas tartarugas, não é digno de mim’, diz o profeta. Comer um acepipe assim preconizado pelo profeta já é contar com a digestão santificada e perfeita.”

Recorda MELLO-LEITÃO (1944:138-139) que “o Levítico nos mostra que os hebreus comiam gafanhotos e outros Ortópteros. Vive ainda hoje, não longe de Jericó, um curioso povo que prepara uma espécie de pão, feito de gafanhotos, certo cereal de pequenos grãos e leite ácido, numa pasta muito bem amassada e frita no azeite.”

Os índios Uaupés, do Alto Amazonas, conforme relatado por PEREIRA (1974:280-281), alimentam-se de diversos insetos, como besouros e gafanhotos. Periodicamente ocorrem enormes enxames de gafanhotos, que devoram as plantações de gramíneas e leguminosas, no Território de Roraima. Conta-se que, quando o General Rondon esteve no Monte Roraima, alguns índios lhe ofereceram um prato da culinária tribal: gafanhotos guisados, sem cabeça, asas e patas. O General sempre respeitou os índios e, por isso, fingiu que não sabia de que petisco se tratava. Mais tarde ele perguntou a um índio amigo, que lhe respondeu: “São camarões do campo, General, camarões do campo!”

CASCUDO (1968, 2:53) registra: “O gafanhoto torrado, polvilhado de sal, vale um camarão, dizem.”

Os Tapirapés denominam o gafanhoto de **tokori** e não o comem, assim como os índios Xerentes e Kaingang, conforme observação de BALDUS (1970:222).

CARVALHO (1951:12) observou: “[...] anualmente, depois das queimadas ou na época da brotação da primeira, comem em abundância certa espécie de gafanhoto comum na região. Saem pela manhã com pequenas cestas de ta-

quari, regressando à tarde com as mesmas cheias de gafanhotos. Segundo nos informaram, esse período é bastante curto, sendo, no entanto, período de fartura de alimento.”

EXPILLY (1977:275) cita uma passagem do livro de Livingstone – *Explorações do Interior da África Austral*. Esse explorador conta “que comeu gafanhotos fritos entre os bauins, e ainda mais, que prefere estes insetos, assim, preparados, aos camarões. Diodoro da Sicília fala de uma outra tribo africana, ‘Os acridiófagos’, diz ele, “habitam os confins do deserto. São menores que os outros homens, magros e totalmente negros. Na primavera os ventos do oeste lhes trazem do deserto quantidades incalculáveis de gafanhotos, notáveis pelo tamanho como pela cor suja e desagradável de suas asas. Tais insetos são tão abundantes, que esses bárbaros não têm outra alimentação durante toda a sua existência. A casca desses insetos dura vários dias, acumulando-se em montes enormes e, como seu país é rico em sal, eles salgam os gafanhotos, não só para torná-los mais saborosos, como para conservá-los até a volta da estação em que de novo apareçam.”

“Reconhece-se neste velhíssimo relato o gafanhoto africano de bando, do mesmo gênero desse gafanhoto pardo, de asas manchadas, que constitui uma das piores pragas para os agricultores argentinos, obrigando a grande República do Sul a manter um Departamento exclusivamente preocupado com a luta contra esse ortóptero. Hotentotes e Marroquinos ainda hoje se deliciam com esse inseto, e no mercado de Bagdad, conta Olivier, eles são vendidos já cozidos, como nas nossas feiras os camarões. No Extremo Oriente, nas Filipinas, na Arábia e Sião parece haver ainda um grande consumo de gafanhotos, esperanças e grilos, que são comidos fritos, assados ao espeto ou cozidos.” O Canal Discovery tem mostrado reportagens sobre os insetos na alimentação, principalmente na Tailândia, onde várias espécies podem ser encontradas nas feiras-livres. Nesses países, o costume de se comer insetos faz parte da cultura deles.

Gafanhotos como pragas

Um uso importante para a agricultura foi observado por RONNA (1928:153): “Os gafanhotos, a praga terrível dos Estados do Sul, podem ser aproveitados como adubo à maneira do que fizeram nas Repúblicas vizinhas. Foi apurado o fato, pelas análises, que estes insetos contêm mais azoto e mais ácido fosfórico do que o estalático, e além disso, uma boa dose de potássio (Schoeder): misturados com cal ou com superfosfatos, deram resultados muito satisfatórios.”

Escreve SANT’ANNA (1944, 4:183): “Contaram-me também que em plantações infestadas de curuquerê ou gafanhotos, costumam traçar uma linha imaginária em torno da área cultivada, de modo a formar um quadrado; em três cantos desse quadrado, coloca-se uma pessoa, deixando vazio um dos cantos. Então as três pessoas iniciam uma reza apropriada e pelo canto vazio vão saindo os insetos daninhos.”

Escreve CARRERA (1953): “Conta-se que Maomé,

certo dia, nas asas de um gafanhoto, escrito em caracteres hebraicos, leu o seguinte: “Nós somos a mais numerosa tropa de Deus; cada um de nós pode pôr 99 ovos, mas se puséssemos 100, devastaríamos o mundo inteiro”. Maomé, então, orou a Alá, suplicando-lhe que afastasse dos muçulmanos aquela praga. Um anjo lhe anunciou que, em parte, ele seria atendido. Segundo a crença de alguns povos da Arábia, as palavras de invocação do Profeta, escrita num papel e encerradas num caniço, o qual é plantado entre o trigo ou no meio de um pomar, constituem uma receita infalível para afugentar as nuvens de gafanhotos.”

Um fato interessante ocorreu na Argélia, antiga colônia francesa, onde costumam aparecer nuvens de gafanhotos. O governo francês enviou o entomologista Jules Kunckel d’Herculais, em 1891, para estudar a biologia desses insetos. Esse episódio foi aproveitado por CARRERA, que escreveu um artigo deveras interessante (1964a:3): “Muitas vezes, afastava-se para o ermo dos campos, procurando observar o desenvolvimento e os hábitos dos gafanhotos em seu meio próprio, as condições tanto naturais quanto possíveis. Nestas excursões gastava ele grande parte do seu tempo, descuidando-se completamente de enviar notícias para a sua pátria. E assim foi que, em certa manhã, os jornais de Paris publicaram telegrama da Argélia na qual se anunciava a morte trágica de Jules Kunckel d’Herculais. Esta notícia se espalhou por todo o mundo e várias revistas científicas norte-americanas, entre elas o **Entomological News** (1891, 2:122), reproduziram na íntegra o fatídico telegrama redigido nestes termos:

A morte horrível de um sábio – Argélia, maio 18 – o sábio francês Mr. Kunckel d’Herculais, comissionado pelo governo para investigar nesta província a praga dos gafanhotos, teve morte horrível. Quando examinava um depósito de ovos destes insetos na Vila de Sidieral, sentiu-se cansado devido ao calor e adormeceu entre o solo. Enquanto dormia, foi atacado por um enorme enxame de gafanhotos e, ao despertar, lutou desesperadamente para fugir daquela praga. Pôs fogo nos arbustos carregados de insetos que estavam próximos, mas todos os seus esforços foram inúteis. Finalmente, os gafanhotos levantaram vôo, quando, então, foi achado o seu esqueleto, juntamente com restos de cabelo, de barba e parte da gravata. Tudo o mais havia sido devorado.”

Continua CARRERA: “Alguns órgãos oficiais de associações científicas manifestaram sua descrença a esta notícia. Outros comentaram o fato, dizendo que a provável verdade sobre o caso era a de que Kunckel d’Herculais desmaiara com o calor e falecera depois; mas antes do seu corpo ter sido encontrado, os gafanhotos teriam devorado parte de sua vestimenta. Houve sociedades entomológicas que prepararam necrológios e discursos laudatórios em honra do insigne cientista desaparecido de modo tão horripilante”.

A graça desta história, autêntica, está no fato de ter sido inteiramente falsa a notícia da morte deste notável entomologista, nunca se conseguindo descobrir a origem de tão absurdo telegrama, segundo o qual se transformava em

voraz carnívoro um inseto essencialmente vegetariano”.

De vez em quando a imprensa brasileira noticia o aparecimento de nuvens de gafanhotos em alguma parte do nosso território. Em 1911, IHERING tratou do assunto num artigo publicado na revista *Chácaras e Quintais*. Conta ele que nas então colônias alemãs da África ocidental combatiam-se os gafanhotos disseminando germes da peste. Na África meridional, fazia-se uso de plantas molhadas com arseniato ou verde-Paris. O entomologista Lynch Arribalzaga foi encarregado pelo governo argentino de estudar a origem das nuvens desses insetos, encontrados no sul da Bolívia, no Chaco e nos departamentos de Chuquisaca, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba. Ele concluiu que a zona permanente de moradia era a Bolívia, havendo uma zona sub-permanente que se estendia ao redor da primeira e norte da Argentina, e uma zona temporária, onde elas apareciam esporadicamente. Félix de Azara falava que os argentinos faziam piadas com os paraguaios, dizendo que eles eram punidos por seus pecados com o aparecimento de nuvens de gafanhotos. IHERING (p. 23) conta que nuvens de gafanhotos apareceram em Santos, Pirassununga e Araquara, no estado de São Paulo, e em Inhaúma no Rio de Janeiro, nos fins do século XIX e começo do XX. No século passado ouvimos falar de nuvens desses insetos em Mato Grosso, e ainda hoje menciona-se seu aparecimento em alguns países africanos. CARRERA (1953) cita também o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo, aparecendo raramente nos estados nordestinos.

Subordem Tettigoniodea. Nesta subordem se encontram as esperanças, os grilos e os grilos-toupeiras.

As espécies brasileiras mais comuns de grilos são: *Gryllus assimilis* Fabricius, da família Gryllidae, e *Eneoptera surinamensis* (De Geer), da família Eneopteridae. Nesses insetos, o aparelho de estridulação é conhecido como tímpano, estando “situado na base das asas córneas (tégminas) e nas tíbias anteriores, logo abaixo dos joelhos, do lado externo, interno ou em ambos os lados” (CARVALHO, 1969:37). Registra MORAES (1931, 2:19): “São músicos, boêmios, incorrigíveis como as cigarras, segundo a lenda, hoje desvanecida por Fabre.”

Há relatos de grilos cantores e também briguentos, conforme SANTOS (1961:64-65): “Em Espanha e Portugal, e certamente na Itália, há quem mantenha grilos em magníficas gaiolas, mas grilos cantores, líricos, de pedigree. Ainda no ano de 1955 nossa Alfândega impediu a entrada de dois grilos cantores, devidamente engaiolados, que vinham na bagagem de um imigrante português. A Divisão de Defesa Sanitária Vegetal achou que os dois cantores, macho e fêmea, seriam capazes de se multiplicarem e arruinar a nossa lavoura. Num país de tantos grilos e grileiros, parece excesso de zelo. Os chineses e japoneses, por sua vez, mostram grande predileção não só pelos grilos como por outros insetos musicistas. Este esporte vem de longa data e uma gravura preciosa, com mais de mil anos de idade, foi reproduzida, não faz muito, em um número do **Geographic Magazine**.”

A importância dos grilos na cultura chinesa foi comentada por COSTA NETO (2003:24), que analisou as obras que mencionam esses insetos.

Continua SANTOS (1961): “Os negociantes de Tóquio fornecem doze variedades de insetos desta natureza, dos quais nove são de criação artificial. Em relação aos ‘grilos de briga’ a coisa apresenta desusada importância. Há espécies e até possivelmente raças de lutadores. São animais vigorosos, fortes. São tratados e adulados como os cavalos de corrida e os jogadores de futebol. Dão-lhes no Japão nomes, em geral, de generais e marechais. Um grilo lutador recebe educação e escolhidos alimentos, comidas especiais, incluindo mosquitos cevados com sangue de seu fanático proprietário. São classificados, como os pugilistas, em peso pesado, médio e leve.”

“Em lugares especiais, e recipientes adequados, escreve um observador, sobre mesas cobertas de seda, lutam os contendores. Esse combate é dirigido pelo árbitro, denominado ‘comandante do exército’ ou ‘diretor da luta’. Este excita os lutadores com fios vegetais, ‘ticklers’, até os aticar para a luta. As armas são as mandíbulas, usadas com horrível ferocidade e o desafio é de morte. Frequentemente a vitória manifesta-se porque o mais forte cai com todo o seu peso sobre o dorso do antagonista e o decapita. A fama deste herói é esculpida em lâminas de marfim, frequentemente com letras de ouro. Um campeão que conquistou muitas vitórias é um ‘grilo conquistador’ e o campeão dos campeões chama-se ‘grande marechal’. Somas importantes são ganhas ou perdidas nas apostas que fazem os espectadores da luta.”

CASCUDO (1977:18) registra a locução ouvir como grilo: “Tradicional é a sua sensibilidade auditiva, condicionando a difusa orquestração dos élitros às garantias da conservação pessoal. Cessa, prudentemente, as emissões rítmicas à menor percepção ameaçadora. Irradiando o processo de música hiperastral, não permite ao investigador localizá-lo pelo fio sonoro.”

Uma passagem do livro de D’EVREUX (1929) mereceu um reparo de TAUNAY (1937:954-955): “Os grilos do Maranhão eram absolutamente inumeráveis, os índios lhes chamavam Cuiu. Ao nosso franciscano estes ortópteros, roedores por excelência, forneceram nova e esplêndida demonstração de que existe a geração espontânea. Nada mais evidente, aliás: fizesse alguém no Brasil uma choupana coberta de folhas de palmeira recentemente cortada. Em pouco surgiam no teto da cabana ‘milhões de bilhões’ de cuius. De onde proviriam? Dos matos circunvizinhos? Evidentemente não, porque se a casa tivesse teto feito com folhas velhas o número de grilos se mostrava incomparavelmente menor! Verificou o fato o próprio Fr. Ivo, que viu, ao cabo de dois ou três dias, aparecerem as folhas de palmeira literalmente cobertas de larvas brancas de grilos. Qual a conclusão? Uma única se impunha: nascera toda aquela sevandija da fermentação das folhas frescas provocada pelo calor solar. Assim era gerada pelos humores das palhas e não só por este fluido. Das favas e ervilhas também nascia. Verdade é que igualmente se originava ‘de pai e mãe’,

como os demais bichos.”

Escreve o historiador SOUTHEY (1948, 1:302) no século XIX: “Eram as casas infestadas duma espécie de grilo, que vivia na palha, e roía todas as peles e outros artigos de vestuário, se os donos os não punham a bom recado dentro de vasos de barro bem tapados. Ora os patos eram criados para devorarem estes insetos.”

Segundo CARVALHO (1951:13): “Não ficam atrás os grilos, terríveis destruidores de tudo o que possam alcançar, não poupando a roupa e sapatos do recém-chegado. É costume entre os índios prender lagartixas capturadas no cerrado, seguras por cordões de buriti, dentro das malocas, a fim de auxiliar no extermínio dos grilos, dos quais são ávidas devoradoras.”

No tocante às crenças, registra ARAÚJO (1962:140) em Piaçabuçu, AL: “Grilo denuncia a morte, por isso quando canta dentro de casa tratam de matá-lo [...]”. SANTOS (1957:295) lembra que “Há, ainda, os que não o enxotam do domicílio, porque dão sorte à habitação, segundo velha lenda européia”. Em Santa Catarina, BOITEAUX (1957:34) observou que “Dos acrídios, entre os nossos maratimbas, não goza o grilo de muita simpatia: primeiro por ser preto; segundo, porque quando canta na sala é sinal de visita incômoda; no quarto, sinal de moléstia grave e mesmo de morte; na cozinha, ainda bem, anuncia casamento”. Em Mogi das Cruzes, SP, BRANDÃO (1959) registrou: grilo cantar na cozinha é sinal de miséria (p. 70); grilo preto dentro de casa ocasiona morte (p. 71); grilo verde dá sorte (p. 72); quando o grilo canta na cozinha vai haver banquete. Se canta na sala, vem visita. No quarto é doença (p. 72).

Em Alagoas, SANTIAGO (1951:13) registrou: “Deixemos em paz um grilo que cricrila em nossa casa: sua música anuncia dinheiro. E um dia o pobrezinho valerá talvez uma vida humana.”

Os grilos são muito usados na medicina popular. Segundo LESSER (1742, 2:188): “Os grilos são um ótimo remédio para a vista fraca, pingando-se nos olhos algumas gotas da substância líquida que se obtém espremendo estes insetos.”

Em caso de gagueira, recomenda-se engolir três grilos em Minas Gerais (MARTINS, 1986:211).

Para oligúria dá-se chá de pernas de grilo assadas, em Alagoas (LAGES FILHO, 1934:138). SANTIAGO (1951:6-7) registrou: “Membro varão de nossa família sentia-se uma tarde impossibilitado de urinar. Foi suportando e esperando, ma dentro de poucas horas já sentia fortes dores e mal estar. Ao tempo não eram fáceis os médicos, sobretudo para pessoas pobres, nem havia ‘Prontos-Socorros’. Discutiu-se a situação, até que alguém lembrou o *chá de uma perna de grilo*. Corre-se a casa, descobre-se um desses ortópteros, que inocentemente cricrilava num recanto, e ei-lo sacrificado. O homem ingere a beberagem e dentro de alguns minutos urina abundantemente na própria casa, pois não tivera tempo nem ânimo para levantar-se. Como agira o ‘medicamento’? Estimulando os músculos da bexiga, se houve paralisia desse órgão? Como anti-espasmódico, se ocorrera contração da uretra? Como dilatador desse canal, no caso

possível de um estreitamente que naquela ocasião atingira o clímax? São perguntas de leigo”, conclui Santiago.

MAGALHÃES (1966:172) cita: “Disse-me uma gestante, no Departamento Estadual da Criança: ‘À criança recém-nascida, sem poder urinar, dá-se-lhe a beber, três vezes por dia, o chá das asas internas do grilo’. Salientou, ainda que, por vezes, a primeira dose é suficiente para uma abundante urinação. Não obstante, do grilo, muito mais frequente é o recurso das suas pernas, quando se deseja proveitosa diurese. Bebe-se-lhe o chá, de duas a três vezes por dia.”

Na retenção de urina recomendam, no nordeste, chá das pernas do grilo (do mais cantador da casa, geralmente), “servindo-o ao enfermo ainda quente. O alívio, afirmam, é imediato” (CAMPOS, 1967:82). Em caso de prisão de urina recomenda-se tomar chá de um grilo inteiro na Chapada Diamantina (SOUTO *et al.*, 1999:184). Mais uma receita para retenção de urina no Espírito Santo (NOVAES, 1964:68): “Pó de grilinho torrado, em um cálice d’água.”

Em caso de litíase (MAGALHÃES, 1966:160): “Miguel Batista, residente em Pentecoste, informa que ‘quem tem pedra na via não deve deixar de pegar três grilos, triturá-los e delas fazer um chá para beber à noite, ao deitar-se’”.

Em caso de ruídos no ouvido (MAGALHÃES, 1966:171-172): “Após de ustulado e pulverizado um grilo, do pó vale-se o sertanejo para aplicá-lo no ouvido, quando se vê atormentado de ruídos auditivos. Podemos ver, neste caso, uma simpatia: é o pó de um inseto cricrilante e ruído servir de terapêutica sedativa aos ruídos subjetivos do paciente.”

Na afecção dos olhos, “Aconselha ao sertanejo ao enfermo arrancar a perna de um grilo e dela extrair uma substância a que chama ‘tutano’, levando-a sobre os olhos duas vezes. É santo remédio contra as oftalmias”, registra CAMPOS (1967:65).

Em caso de asma, “Os amuletos, posto que, de regra, tenham uma ação preventiva, são, na asma, empregados em função curativa. Assim é que certa mulher residente em Pirambu conta o seguinte: Põe-se um grilo vivo em um saquinho e coloca-se ao pescoço do asmático. Enquanto o grilo se mexer, está botando a asma para fora” (MAGALHÃES, 1966:142).

No nordeste, combate-se a icterícia com chá de grilo preto, que é feito das pernas dianteiras e deve ficar, após fervido, esfriando por meia hora, registra CAMPOS (1967:75).

No Estado de Alagoas há pessoas que usam o grilo inteiro para tratar “corrimento de mulher, dor de uma banda (?), sarna, puxado, eczema, criança que urina na cama e que demora a falar” e usam as pernas para o tratamento de oligúria e dor de uretra (COSTA NETO, 2000:87).

Os grilos como alimento

Citando Hyatt Verrill, MELLO-LEITÃO (1944:138) escreve: “Os peles-vermelhas consideram os grilos como o alimento mais delicioso e mais substancial, fazendo com eles, secos e pilados, uma pasta que comem, frita ou assada,

tal como os Corvos da Palestina.” Acrescenta (p. 139) que “No Extremo Oriente, nas Filipinas, na Arábia e Sião (hoje Tailândia) parece haver ainda um grande consumo de gafanhotos, esperanças e grilos, que são comidos fritos, assados no espeto ou cozidos.”

Grilos-toupeira

Família Gryllotalpidae. Também chamados de paquinha, cachorrinho-d’água, macaco, frade e bicho-da-terra (SANTOS, 1961:65). São insetos que cavam galerias no solo. Conta SANTOS (p. 66) que usavam a ave guará, *Eudocimus rubra* (Linnaeus), para caçá-los: ela segue, com o bico, a galeria aberta pelo inseto, revolvendo a terra até encontrá-lo. Nos subúrbios do Rio de Janeiro (p. 67) “é comum vê-los rodeando lâmpadas da iluminação pública e, mesmo, invadindo as habitações humanas, com grande reboliço da família, gritos das crianças e até as criaturas do sexo fraco, que não sei por que acreditam que o bicho fisque ferrão venenoso. Duas inverdades, pois não existe ferrão nem veneno.”

Esperança

Nome que provavelmente se deve ao fato de muitas das suas espécies, da superfamília Tettigoniodea, terem cor verde (MELLO-LEITÃO, 1944:41). Diz CASCUDO (1979:312) que quando pousa em alguém está anunciando um acontecimento agradável, diz a tradição popular. LENKO (1962c:56) lembra que “As esperanças, insetos aparentados aos gafanhotos e grilos, são bem vistas pelo povo, especialmente quando pousam na roupa, pois isso dá sorte.” Os moradores da Serra da Jibóia, BA, acreditam que o aparecimento de uma esperança do olho verde é um bom sinal, e que a esperança do olho brilhoso e o de olho preto avisam que algo de ruim vai acontecer (COSTA NETO, 2004:50).

Tananá

Descrita por Bates em 1862 como *Chlorocoelus tanana* Bates, da família Pseudophyllidae, nome vulgar aplicado pelos índios da Amazônia, que apreciam a sua estridulação, a ponto de mantê-la aprisionada em gaiola, como se fosse um pássaro cantor (BATES, 1944, 1:281-282): “Encontra-se na vizinhança estranha espécie de esperança, cujos machos produzem ruído alto e não desprovido de certa harmonia, esfregando uma contra a outra as bordas dos élitros. As notas são seguramente as mais altas e mais extraordinárias que já ouvi, produzidas por um inseto ortóptero. Os nativos chamam-no de tananá, aludindo à sua música, que é uma estridulação que ressoa como as sílabas ta-na-ná, ta-na-ná, que se sucedem com pequenas pausas. Parece ser raro. Quando os naturais apanham algum, guardam-no em gaiola de vime, para gozar o seu canto. Certo amigo meu conservou um durante seis dias, mas que só estava ativo durante dois ou três dias, quando se ouvia a sua nota elevada de uma extremidade a outra da vila. Morto o inseto, ele me deu o espécime, o único que pude conseguir. É um membro da família Locustidae, grupo intermediário entre os grilos (Achetidae) e os gafanhotos (Acrididae).

O instrumento com o qual o tananá produz a sua música é curiosamente constituído pelas nervuras ordinárias das asas anteriores. Em cada tégmina a borda interna, perto da base, tem uma expansão córnea; em uma das asas este lobo tem as margens elevadas e cortantes; na outra a nervura principal, que atravessa o lobo do lado inferior, é cruzada por certo número de sulcos estreitos como os de uma lima. Quando o inseto move rapidamente as asas, a lima de um lobo é atritada contra a margem córnea da outra, assim produzindo os sons; as tégminas pergaminhosas e o tambor oco que encerram, servem para dar ressonância às notas.”

Para STRADELLI (1929:661), tananá significa “Casta de grande Locustida, que vive de preferência nas roças, danejando a mandioca, de que come as folhas. O seu nome é onomatopéia do rumor que produz friccionando os élitros contra umas asperezas das pernas traseiras.”

Segundo LE COINTE (1945:156), “O tananá “produz um som imitando o rufo de um tambor tocado com uma só banqueta e cuja sonoridade é amplificada por este curioso ressoador. Muitos homens do mar, cuja intrepidez não pode ser posta em dúvida, estão convencidos de que levar um inseto destes a bordo de um navio é correr o risco de um naufrágio!”

Ordem Phasmatodea

Representada por insetos muito interessantes, que se parecem com galhos verdes ou secos e, por isso, são chamados vulgarmente de bichos-pau. As espécies do gênero *Prisopus* se parecem com líquens.

O maior inseto do mundo pertence a esta ordem. Em Bornéu há duas espécies, que atingem 33 cm de comprimento: *Phobaeticus kirbyi* Brunner & Redtenbacher e *Pharnacia serratipes* (Gray), de acordo com COSTA LIMA (1939, 1:189). A maior espécie brasileira é *Bactridium grande* Rehn, cuja fêmea atinge quase 27 cm de comprimento; outra espécie brasileira é *Phibalosoma phyllinum* (Gray), cuja fêmea chega a 22 cm de comprimento.

Certas espécies apresentam uma reprodução curiosa, cujos machos são raros. É comum a reprodução agâmica, quase sempre resultando fêmeas que produzem ovos partenogenéticos.

O bicho-pau geralmente permanece imóvel, “com as pernas dianteiras projetadas para diante, cobrindo a cabeça e as antenas, e as outras pernas distendidas para trás. E mesmo quando elevam o corpo sobre as pernas, podem fazer movimentos ou assumir atitudes, que às vezes os tornam irreconhecíveis no meio em que se acham” (COSTA LIMA, 1939, 1:197).

Os moradores da Serra da Jibóia, BA, têm medo desse inseto, acreditando que ele se transforma em cobra-de-cipó, *Phylodrias* sp., e que sua mordida traz más consequências (COSTA NETO, 2004:41).

Ordem Dermaptera

O termo provém do grego e significa *derma* = pele e *pteron* = asa. São insetos que possuem uma pinça de natureza córnea na parte terminal do abdome. Atingem cerca

de 4 cm de comprimento. São chamados vulgarmente de tesouras e lacrainhas, muito comuns nas casas das regiões quentes, como Ribeirão Preto, Miguelópolis e Araraquara no estado de São Paulo. Durante a noite é comum vê-las pelos tetos, à cata de insetos. É erro chamá-las de lacraias, termo que deve ser reservado às centopéias. O povo acredita que elas penetram no ouvido para furar o tímpano. São tidas como perigosas por causa das tenazes do seu último segmento abdominal, que se abrem e fecham, mas na verdade são inofensivas.

IHERING (1916:9) tratou desses insetos: “Lacraias, animais que o povo às vezes confunde com os escorpiões e em todo caso tem em conta de bichos extremamente venenosos. A razão desse engano está em terem essas lacraias uma pica no último segmento do abdômen, que o animal traz quase sempre recurvado, à maneira dos escorpiões. Mas também é só esta a semelhança que há entre esses dois artrópodos. A lacraia é um verdadeiro inseto, da ordem dos Ortópteros (nota: hoje está entre os Dermaptera), família Forficulidae, tem portanto só três pares de patas, asas, sempre rudimentares e, como característico da família, as já mencionadas pinças ou tenazes. Há uma grande variedade de espécies, agrupadas em 33 gêneros, dos quais 15 têm representantes no Brasil (com pouco mais de 50 espécies). Vivem quase todas em lugares úmidos, debaixo de vegetais em decomposição, às vezes também nas flores; alimentam-se não só de substância vegetal como também dão caça a insetos menores. As tais pinças, porém, não são, como em geral se pensa, armas de defesa, e de forma alguma podem inocular veneno. Não tivemos necessidade de fazer experiências neste sentido, porque o Sr. H. Lüderwaldt, entomologista do Museu Paulista, nos afirma tê-lo feito repetidas vezes com várias espécies, mesmo com as maiores, de 45 milímetros de comprimento, freqüentes nas praias. Os insetos não têm força alguma nesses seus apêndices anais e, por mais que pareça irritado, não ocasiona o mínimo incômodo. Há quem afirme já ter sido picado por este inseto, mas, evidentemente, houve confusão, tratando-se de fato de um pequeno escorpião”.

Na obra de LESSER (1742, 2:186), encontra-se a seguinte passagem: “As lacrainhas fortificam os nervos e servem contra as convulsões musculares. É preciso fazer dela uma infusão no óleo, e após deixá-las penduradas por algum tempo, ferve-se e unta-se as partes ofendidas. O pó deste inseto, misturado com a urina de lebre, e colocado na orelhas, é bom contra a surdez.”

Ordem Dictyoptera

Representada pelas baratas, bem conhecidas do povo. Há espécies silvestres e domésticas, ativas durante a noite. As duas espécies domésticas mais conhecidas são *Periplaneta americana* (Linnaeus) e *Blatta orientalis* Linnaeus.

Ensina COSTA LIMA (1939, 1:237): “Nas habitações pouco asseadas há baratas por toda parte, abundando porém na cozinha ou onde há gêneros alimentícios ou restos de comida. Não tanto pelo que comem, mas pelo cheiro

nauseabundo que deixam, impregnado nos alimentos e utensílios que sujam, tornam-se verdadeiras pragas domésticas. Às vezes, porém, causam estragos consideráveis roendo capas de livros e outros objetos de valor.”

A barata doméstica, *P. americana*, quando passa pelo rosto de uma pessoa que está dormindo, pode roer a sua mucosa labial e provocar uma erupção chamada herpes blattae.

Como as baratas passeiam à noite pela cozinha, vão contaminando os alimentos, transmitindo doenças causadas por protozoários e bactérias. Várias espécies de vermes vivem nas baratas, tais como acantocéfalos e nematóides. Esses insetos funcionam como hospedeiros intermediários, sendo os definitivos os mamíferos, inclusive o homem.

Na medicina popular são vários os usos das baratas. Segundo GORDON (1996), o Índice do Laboratório Merck de 1907 recomendava o uso da *Blatta orientalis* no tratamento da coqueluche, úlceras, verrugas, hidropisia, furúnculos etc. “‘Pulvis tarakanæ’ era um remédio que em certas regiões da Europa, nos meados do século passado (nota: XIX), alguns médicos receitavam aos doentes com hidropisia, pleurisia, pericardite e aos que necessitavam de um forte diurético. Obtinha-se este medicamento pulverizado, depois de seca, a *Blatta orientalis*, uma barata domiciliar preta e sem asas. ‘Tarakanæ’, em russo, significa barata, e foi na Rússia que, pela primeira vez, se tratou um hidrópico com o pó deste inseto” (CARRERA, 1964b:3).

Em 1789, escrevia SAMPAIO (1971:78), na Bahia: “Torrefata, e em pó dada em qualquer licor é um bom anticolico. Também aproveita nos afetos asmáticos cozida em água comum, e dado o cozimento a beber ao enfermo repetidas vezes.”

PEIXOTO (1944: 33) registrou que a asma ou estalício se cura com barata torrada. MAGALHÃES (1966:142) diz que tem valor o chá da “nojenta barata”. No Espírito Santo, usa-se “chá de barata branca (descascada) torrada” (NOVAES, 1964:68). GOUVEIA (1926:19-30) anotou: “Para asma, mas sem que o doente saiba, fazem um chá de baratas ou um caldo de ratos. A pessoa ficará boa (dizem), mas se algum dia souber, a moléstia voltará.”

Para o estado da Bahia, COSTA NETO (2004:54) anotou as seguintes receitas com *P. americana*: “Beber a água na qual uma barata foi cozida para tratar azia; torrar uma barata inteira, moê-la e fazer um chá com o pó para tratar asma e dor de barriga; esmagar uma barata, adicionar água e cozinhar até ferver. Depois, coar e beber para o tratamento da asma.”

Em Franca, SP, o caboclo usa “Pó de barata torrada, tomando cum café, sem a pessoa sabê, é um ótimo remédio para bronquítia” (MARICONI, 1976:33).

“A barata é empregada, após ser torrada ao fogo, numa panela, com água quente, numa beberagem que dizem aliviar, rapidamente, o paciente, dos ‘repuxos’ (cólicas)” (CAMPOS, 1967:56). O mesmo autor (p. 77) escreve: “Baratas torradas servem para cólicas intestinais de crianças quando delas se faz chá, muito em uso nos sertões do Nordeste.” Ele ainda cita José Lima (**Folclore goiano**, pág.

29): “O chá da barata torrada é indicado nos embaraços gastrintestinais das crianças”. Em Sete Lagoas, MG, recomenda-se “comer três baratas torradas” (TEIXEIRA, 1954:39). MAGALHÃES (1966:186) anotou: “O chá de barata, como recurso terapêutico às cólicas intestinais e diarreias, tem amplíssima aceitação nos bairros proletários de Fortaleza. Acentua, porém, mulher residente em Floresta que, quando se faz o chá, especialmente das pernas da barata, melhor ainda ele é.” LAGES FILHO (1934:126) recomenda “tomar barata torrada, diluída em água”.

Na terapêutica da dermatose: “A barata, mais uma vez, surge como um dos remédios milagrosos do sertão, espécie de penicilina de nós outros da cidade. Machucada, até transformar-se em papa, vai imediatamente acrescentada ao tumor. Dizem que tem grande força para ‘abortá’” (CAMPOS, 1967:52).

“Manda o nosso campesino que se esprema uma barata, ainda viva, e se aplique o que dela resultar, num algodão, no dente cariado” (CAMPOS, 1967:52). BRASILEIRO (1951:369) diz: “Tripa de barata é remédio para curar dor de dentes. Coloca-se na cavidade dentária, sem que o paciente saiba, vísceras de barata e cobre-se a cárie com algodão”.

“Para debelar a tosse aconselham chá de ‘jasmim’ de cachorro com barata torrada” (CAMPOS, 1967:79). Em seguida, ele cita Cordeiro de Andrade (**Cossacos**, 1934: 131): “Depois pegou a tosse grande de abrir a caixa do peito. Me ensinaram chá de porqueira de cachorro misturada com barata torrada. Catei uns jasmínzinhos dos bem brancos ali na beira do rio e dei a ela.”

GLIESCH (1940:544) informa que “são atribuídas a algumas espécies qualidades diuréticas, sendo para este fim usadas na Rússia baratas (*Periplaneta*).”

CASCUDO (1968:47-48) dedicou um pequeno capítulo às baratas: “Um homem afirmava que Nosso Senhor fizera muita coisa sem préstimo. Há seres perfeitamente dispensáveis e não compreendia como o Criador perdesse tempo com eles. Para que servia uma barata? Para nada. Viveríamos melhor sem as baratas, não é verdade? Dias depois, esse homem começou a sofrer das urinas e não podia verter água. Os doutores não deram solução. Desesperado, foi procurar uma velha que ensinava remédios antigos, mezinhas do povo. A velha ouviu e disse que o doente arranjasse uma barata viva, das grandes. O homem caçou e levou a barata. A velha, sem que ele visse, torrou-a e virou-a em pó, fez um chá bem quente e mandou o homem beber, sem açúcar. Logo depois, começou ele a urinar que não tinha mais conta. Ficou bom. Foi agradecer a velha”. Lembra Cascudo que o chá de barata ou de grilo é costume da terapêutica popular portuguesa.

Em Alagoas, “Uma barata doméstica (*Blatta*), machucada e introduzida no ouvido, cura as otalgias” (SANTO AGOSTINHO, 1959:9). Ainda no nordeste, “A barata comparece mais uma vez à terapêutica do sertanejo. Tornada em pasta e introduzida no canal auditivo, obturando-o, alivia prontamente as dores” (CAMPOS, 1967:66). “Estima-se, outrossim, o cozer-se uma barata no azeite e depois pingar algumas

gotas no ouvido. Às vezes, prefere-se esmagar a barata e no ouvido introduzir a pasta obtida” (MAGALHÃES, 1966:171).

“De conversa comigo enalteceu um sertanejo de Sobral as excelências do chá do pó de barata cascuda em que o sangue se escoe pela via, isto é, quando se trata de hemorragia parenteral” (MAGALHÃES, 1966:155). “Acrescentou-se, ainda, que tal processo pode ser extensivo aos unheiros e que, em se colocando sobre um panarício (inflamação aguda das partes moles que cercam as falanges) uma barata vermelha, esmagada, de presto o panarício abortará” (MAGALHÃES, 1966:164).

“Narrou-me o velho José Belarmino, funcionário da Secretaria de Polícia da Paraíba que, chegando certo à sua casa e encontrando uma filha a vomitar iterativamente, tentou torrar uma barata até ficar seca, pulverizou-a, do pó fez um chá com que a menina se medicou. Com isso, os vômitos cessaram dentro de pouco tempo” (MAGALHÃES, 1966:170-171).

Os moradores da Serra da Jibóia, BA, usam as baratas “para tratar dores de ouvido, cólicas menstruais, epilepsia, asma, bronquite asmática, assim como para estourar furúnculos (tumores), extrair farpas (estrepada) e tratar casos de alcoolismo. Segundo uma simpatia local, o paciente que toma remédios feitos com baratas não deve saber o que tomou, senão a moléstia volta e nunca mais a pessoa tem cura” (COSTA NETO, 2004:34). Há uma barata preta desprovida de asas (*Eurycotis manni* Rehn), que os moradores recomendam: “Cheirar uma carocha viva para aliviar dores de cabeça. O tratamento terá um melhor resultado se realizado numa sexta-feira” (COSTA NETO, 2004:35).

Baratas na alimentação

Os botocudos de Santa Catarina (SCHADEN, 1938:89) “nunca têm o estômago completamente vazio; sempre encontram algum alimento para introduzir na boca, pois que também apreciam vermes, baratas e etc.”

Crendices sobre baratas

Há muitas crendices sobre esses insetos: “Barata voou em cima da gente é carta ou dinheiro”, registrada por STUDART (1910:49) no Ceará. A mesma crendice foi registrada em São Paulo (LIMA, 1952:7): “Quando barata voadora entra em casa indica que se vai receber uma carta; quando voa dentro de casa é sinal de dinheiro; sendo destruída aumentará incessantemente”. Em Mogi das Cruzes, SP, acreditam que “Barata branca dentro de casa é sinal de casamento” (BRANDÃO, 1959:73). Em Piaçabuçu, Al, pessoa covarde “tem sangue de barata”; pessoa tonta “é barata que caiu no melado” (ARAÚJO, 1962:140).

Há várias práticas para expulsar baratas, segundo LENKO (1959:17): Para expulsar baratas de casa é preciso, durante três sextas-feiras seguidas, de manhã cedo, ficar de pé no meio da casa e dizer o seguinte:

Barata-rabi,
Que veio fazer aqui?
Brigou com compadre e comadre,
E puxa daqui! (Barueri, São Paulo, 1957).

Havendo muitas baratas em casa, basta chamar uma delas pelo nome de “mulher de padre” que sumirão todas (Bragança Paulista, São Paulo, 1957).

Outro processo: numa sexta-feira de manhã, sem conversar com ninguém e em jejum, distribui-se um punhado de milho em três cantos da casa, dizendo: “Barata vai embora”. Deve-se deixar livre um dos cantos para a barata poder sair (Gen. Salgado, São Paulo, 1958).

Para extinguir as baratas de uma moradia devemos, encostado em um dos cantos da casa, dizer o seguinte:

A moça do padre
Lhe convida para missa.
Vá com ela e seja feliz
Igual quem come e não reza
Ou quem trabalha no domingo.

Repete-se esta prática durante três sextas-feiras seguidas, sempre deixando o quarto canto. O mesmo deve ser feito para expulsar os percevejos de casa e as formigas da roça; neste último caso, a prática deve estender-se a três cantos da roça (Teófilo Otoni, Minas Gerais, 1958).

Efeito semelhante se consegue quando, em uma sexta-feira, com um pano na mão, se diz: ‘Comadre-barata, venha aqui, venha aqui’, agitando-se o pano na direção da porta da casa, como se a estivessemos afugentando (Barueri, São Paulo, 1959).

Para nos livrarmos desse inseto, nada mais simples que colocar um exemplar vivo no interior de uma caixa de fósforos, atirando-a, em seguida, na estrada mais próxima; aquele que por distração pegar essa caixa levará consigo todo o enxame dessa praga (OLIVEIRA, 1940:182). Em outra obra este autor escreve: “[...] alguns crédulos afirmam que água apanhada no rio, ao clarear nesse dia onomástico, tem o condão milagroso de espantar toda a espécie de sevandijas, da repulsiva barata ao maligno percevejo” (OLIVEIRA, 1948:49).

Muito usado é o seguinte procedimento: dentro de uma caixa de fósforos colocam-se três baratas e joga-se essa caixa de costas, para o quintal do vizinho, se a este não nos liga sua amizade. As baratas mudar-se-ão de nossa casa para a daquele vizinho (Barueri, São Paulo, 1957). Com o mesmo fim colocam-se três baratas numa caixa de fósforos bem nova, deixando-a numa encruzilhada. Quem apanhar esta caixinha, pensando estar cheia de fósforos, provoca a mudança das baratas da casa da pessoa que fez esta simpatia para a sua casa (Barueri, São Paulo, 1957).

Uma outra variante desta prática nos foi enviada pelo Sr. Benedito Lua, morador em Santana do Parnaíba (São Paulo, 1959). Para acabar com as baratas, coloca-se uma delas em uma caixa de fósforos juntamente com uma moeda de tostão (10 centavos) e joga-se na primeira encruzilhada, não olhando para trás. A pessoa que apanha essa caixinha leva para casa todas as baratas, ficando a que fez a simpatia completamente livre “dos bichinhos”.

Em janeiro de 1981, a Dona Vera H. Ribeiro, de Ribeirão Preto, SP, ensinou-nos a seguinte receita para afugentar baratas: preparar uma massa usando 150 gramas de ácido bórico, um pires de queijo ralado, um pires de açúcar,

duas cebolas moídas e farinha de trigo até que a massa comece a grudar. Em seguida, preparam-se pequenos pedaços e colocam-se nas paredes internas das portas dos armários da copa e cozinha. É tiro e queda: as baratas desaparecem mesmo!

Entre os índios Tapirapés procede-se da seguinte forma (BALDUS, 1970:163): “Já mencionei, também, o entusiasmo dos galináceos na luta contra as baratas, devorando estes insetos durante toda a noite. A reação dos Tapirapés contra esta praga consistiu só em evacuar a casa e queimá-la. Nunca vi um deles perseguir e matar baratas uma por uma, o que seria fácilimo”.

Expressões populares

Segundo MOTA (1969:72), há várias expressões que envolvem a barata: “Chupando uma barata”: levando vida ruim, infeliz, fracassado; “baratinado”: atrapalhado, sem saber o que faça; “barata descascada”: tipo albino; “barata de igreja”: beata, mulher muito rezadeira e chaleira de padre; “barata me roa”: aconteça-me o pior; “barata tonta”: pessoa irrequieta, de pouco juízo; “sangue de barata”: pessoa mole, fria, sem reações; “aperriado que só barata em terreiro de galinha”: muito intranquilo, com inimigos por todos os lados; “apressado que só barata em chapa de fogão quente”: apressadíssimo; “não é barata, mas bota gosto ruim”: faz o mal de qualquer jeito. O mesmo autor registra o seguinte adágio (p. 73): “Em terreiro de galinha barata não tem razão”. Comenta MORAES (1931, 1:78): “Em geral o sujeito albino, na Planície, é apelidado de barata branca. Olha a cara daquele barata branca: tem medo de abrir os olhos”.

Ordem Mantodea

O termo *mantis* vem do grego e significa profeta. A ordem é representada pelos insetos popularmente conhecidos pelo nome de louva-deus, porque parecem pessoas ajoelhadas quando em repouso, orando. Todas as espécies pertencem à família Mantidae. A espécie brasileira mais comum é *Stagmatoptera precaria* (Linnaeus).

Algumas espécies apresentam mimetismo, como *Zoolea lebipes* (Olivier), que apresenta pernas semelhantes a acúleos dos galhos (COSTA LIMA, 1939, 1:256).

São insetos predadores, que vemos nas folhas e nos galhos das plantas dos nossos jardins. Informa COSTA LIMA (p. 260): “A combatividade e ferocidade que então os Mantídeos exibem contrastam singularmente com a atitude beática, aparentemente suplicando de hipócrita ‘louva-Deus’, enquanto, pacientemente, aguarda a aproximação de uma vítima. A propósito da extrema ferocidade dos Mantídeos deve ser referido o fato das fêmeas habitualmente sacrificarem os machos depois da cópula.”

Outro nome vulgar que lhe é aplicado é põe-mesa (BAENA, 1839:122): “Semelhante ao gafanhoto, mas todo verde amarelo, corpo fino e comprido e pernas longas”.

“‘Lavadeira de Nossa Senhora’ é o nome com que o povo designa um gafanhoto verde que dá sorte quando pula na gente. A denominação provém certamente do or-

tóptero Mantis, e ‘louva-Deus’, se não é que se trata do mesmo animal. O nome ‘louva-Deus’ é devido à atitude do gafanhoto, que lembra a de um indivíduo em oração” (STEINEN, 1940:709-710).

O termo *nheengatu emboici* foi registrado por FREITAS (1936:128): “De *Mboi*, cobra e *ci*, mãe; mãe de cobra, denominação aplicada pelo tupi-guarani ao inseto, *Mantis religiosa*, pela circunstância curiosíssima de ser encontrado, ordinariamente, no ventre do inseto, uma parasita de forma capilar, não raro atingindo a metros de comprimento e que, solto na água, movimenta-se com todas as ondulações da cobra (nota = trata-se de um verme Gordiidae, vulgarmente conhecido pelo nome de cabelo-vivo). *Emboici* é um animalzinho elegante em seus movimentos, que as crianças se comprazem em irritar para vê-lo tomar posição de defesa, elevando as duas patas dianteiras e juntando-se à altura da cabeça, como em atitude de imploração, vindo-lhe daí a denominação vulgar de louva-a-deus. É de cor verde-clara, habita as hortas e as matas de São Paulo, assim como as de todo o Brasil, estendendo-se até aos territórios argentino e paraguaio. Apesar do seu aspecto todo inocente e piedoso, é inimigo dos demais insetos, principalmente da cigarra, que mata e devora”.

ORICO (1937:196; 1975:239) também registra o nome põe-mesa: “É comum nas cidades e vilas do norte, quando se está reunido em família, num jantar ou serão, pular na sala um grande gafanhoto, saltitante e passador, que parece fazer momices e desafiar as pessoas. Os garotos, sobretudo, adoram sair em perseguição do inseto verde, interceptando-lhe a ginástica faceira. É a *Locusta viridissima*, conhecida vulgarmente no norte por ‘põe-mesa’, no sul, por ‘louva-a-deus’. Sua presença é indicio de bom agouro. Significa promessa, esperança, notícia agradável que vem por aí”.

“A velha aspiração de saber-se o sexo da criança por nascer é resolvida pela credence do povo em torno do ‘põe-mesa’. Assim, quando se tem pessoa grávida em casa, a coisa mais fácil, para antecipar se o bebê será menino ou menina, é apelar para o concurso da saltitante visita. Segura-se o inseto e dá-se-lhe um sopro: se apenas move as pernas dianteiras, é mulher; se grimpá e tenta saltar sobre a pessoa, é homem. Com essa profética utilidade o ‘põe-mesa’ justifica o interesse com que é saudado toda vez que salta do escuro para uma sala onde a luz o atrai e tonteia”.

O nome põe-mesa também é aplicado em Pernambuco e bendito em Minas Gerais. A espécie verde é *Stagmatoptera precaria* (Linnaeus) e a folha-morta é *Acanthops falcataria* (Goeze).

Em 1648 foi publicada a descrição do inseto por MARCGRAVE (1942:246): “Gaa-iara (termo indígena). Outro gafanhoto como a figura de um camelo inteiramente verde, de comprimento apenas de um dedo, com o pescoço longo e ereto como o camelo. A cabeça é triangular; os olhos, salientes, lenticulares, fuscões; suas pernas são seis; duas na parte suma do pescoço, de um dedo de comprimento composta de três partes com dentinhos, na extremidade, os outros dois pares restantes são verde-pálidos, como se fossem

folhas secas. Encontra-se também aqui outro da mesma figura, de cor amarelada, como folha caída da árvore”.

Marques Pereira (*apud* CASCUDO, 1979:443) escreveu em 1728, no **Compêndio narrativo do peregrino da América**, o seguinte: “Há no Brasil uns bichinhos que lhes chamam louva-a-deus. Estes animalejos são como um grilo, porém muito magros e esqueléticos; trazem sempre as mãos postas juntas, e os joelhos dobrados e os olhos levantados para o céu, e por esta razão lhes chamam louva-a-deus”.

Outra descrição é de MELLO-LEITÃO (1944:122-123): “Em todas o macho é menor, muito mais esbelto, pintalegrete despreocupado que um dia, farto de devorar besouros e esperanças, sente os eflúvios femininos que vêm de alguma beldade em vias de dar os últimos retoques no vestido. Ei-lo que voa na direção do mudo chamamento e vai pousar perto da sua bela, e imóvel a contempla, como hipnotizado, com semblante que Fabre chamou *quase apaixonado*, à espera de um sinal de aquiescência ou de resposta à sua adoração. Aproxima-se tímido, as asas se expandem e talam rápidas num frêmito convulsivo, como a mostrar as suas habilidades de acrobata e a formosura do seu todo. E o himeneu, se a noiva aceita os pretextos do casquilo, dura algumas horas. Durante esse abraço demorado será que a esposa fique a pensar na inconstância e insinceridade dos protestos do seu apaixonado, acendendo-se-lhe em fúria e ciúme, e horror de que outras recebam as mesmas carícias? Ou será que com o estômago vazio, as exigências da fome pegam nova presa, e aquela carne fresca e apetitosa, aquela vítima desprevenida e imbele se apresente como fácil bocado? O certo é que, quase sempre, mal terminado o dia de esponsais, o esposo é morto e devorado. Se em linguagem figurada se diz que o amor faz perder a cabeça, no mundo dos mantídeos a perda da cabeça não interrompe o amor. A curiosa observação do padre Poiret publicada em 1784, de um *Mantis religiosa* em pleno amor, embora o macho já estivesse decapitado, foi confirmada em cativeiro por Fabre e Rabaud e o professor provençal escreve deliciosamente: “Comer o amoroso depois do casamento consumado, fazer repasto desse anão desfalecido, já agora sem prestar para nada, ainda é compreensível, até certo ponto, no inseto pouco escrupuloso em matéria de sentimento; mas trincá-lo durante o ato, isto ultrapassa tudo o que poderia sonhar uma bárbara imaginação. Eu o vi, com os meus olhos, e ainda não me refiz dessa surpresa”.

Em Alagoas acreditam que o louva-a-deus “É bicho peçonhento. Mordeu, a pessoa seca todinha” (COSTA NETO, 2000:94).

Os habitantes da Serra da Jibóia, BA, dizem que “o louva-a-deus só tem vida enquanto não faz sexo”, sendo “pecado matar um louva-a-deus porque esse inseto só anda louvando a Deus” (COSTA NETO, 2004:45).

Várias lendas foram registradas por SANTOS (1961:87-88): “Poucos insetos encontram-se tão envolvidos em lendas como o louva-a-deus. Uma lenda diz que a Calugarita, outro nome do louva-a-deus, era uma missionária e, como tal, devia manter o rosto oculto pelo véu, pro-

tegendo-se assim contra os olhares masculinos. Certa vez, indo por uma estrada, depara-se-lhe guapo cavalheiro de extrema formosura. A missionária não resistiu e levantou o véu que lhe ocultava o rosto, conversando desenvoltamente com o desconhecido a propósito de sua missão cristã. Imediatamente o moço desconhecido, que outro não era senão o conhecidíssimo diabo, sumiu-se. Pedro, que ainda não era santo, mas estava a caminho disso, foi informado por um anjo e ao se lhe apresentar surpreendeu-a sem véu, transformando-a no bichinho de que estamos tratando. Desta aventura lhe vem o sestro de conservar as patas à frente da cabeça, como quem cobre o rosto com o véu”.

“No folclore de muitos povos é considerado como animal sagrado, em outros, ao contrário. Nos contos infantis da Europa aparecem com faculdade divinatória, indicando pela posição dos braços o caminho que devem seguir as crianças extraviadas. Mostra também aos infantes onde está o lobo, o bicho mau e as bruxas, que gostam de papear crianças”.

“Na velha Roma dos Césares e das bacanais, quando um pagão enfermava de mal desconhecido, todos já sabiam que o doente tinha sido olhado pelo emboici, como lhes chamavam nossos indígenas”.

“Na China prendem o louva-a-deus em gaiolas especiais, como o fazem também com os grilos e então observam, com olhos mongólicos e sádicos, a luta daqueles animais, a qual termina sempre por horrível cena de canibalismo. Nosso jogo de futebol é muito mais humano. A China, entretanto, tem civilização mais velha do que a nossa. Ainda chegaremos lá”.

Uso do louva-deus como alimento

Em sua edição de 16 de junho de 1996, o jornal **Folha de S. Paulo** publicou a reportagem “Louva-a-deus é servido em sopa – O restaurante Provence, em Búzios (Rio de Janeiro), está lançando uma versão sofisticada de afrodisíaco: a sopa de louva-a-deus”. Segundo o proprietário e chef do bistrô, José Itajahy, 61, a sopa é inspirada na tradição chinesa e coreana, que atribui ao inseto poderes de reacender os apetites sexuais adormecidos. A sopa é preparada com um buquê de ervas aromáticas, como salsa, salsão, cebolinha, coentro e alho-porró e um punhado de insetos, importados da China já prontos para o uso.

A receita pode incluir um ovo. ‘Assim a pessoa fica mais forte ainda’, brinca Itajahy. Ele diz que o inseto tem gosto ‘crocante’. A sopa de louva-a-deus custa R\$ 10”.

Ordem Isoptera

Este termo é de origem grega: *isos* = igual e *pteron* = asa. Compreende os cupins, que vivem em sociedades. As formas conhecidas como cupins são os obreiros e os soldados, que executam todas as tarefas da colônia. Apenas os indivíduos sexuados são alados, enxameando geralmente em outubro. Uma nova colônia é formada pelo rei e pela rainha, que perdem as asas e ficam escondidos no termiteiro.

Esclarece COSTA LIMA (1939, 1:283) que “Nos ter-

mitas de organização intermediária (Rhinotermitidae) ou mais elevada (Termitidae), a fêmea e o macho ficam aprisionados, emparedados vivos na célula real pelos obreiros, não podendo mais dela sair; pelas pequenas entradas dessa câmara podem apenas passar os obreiros e os soldados. O alimento lhes é trazido pelos operários, que se incumbem também da remoção dos ovos à proporção que vão sendo expelidos e distribuição dos mesmos em pontos favoráveis”. “As formas aladas dos térmitas mais comuns no Rio de Janeiro, o cupim das casas, que me parece idêntico a *Coptotermes vastator* Light, surgem quase sempre em quantidades colossais, de agosto a princípio de setembro, depois do pôr do sol. Nesta ocasião e durante o começo da noite, vêem-se miríades de formas aladas desse térmita esvoaçando ao redor das lâmpadas, nas habitações e nas ruas” (COSTA LIMA, 1939, 1:278-279).

Os comedores de madeira (xilófagos) são os cupins das famílias Mastotermitidae, Kalotermitidae e Rhinotermitidae, que apresentam protozoários no seu intestino posterior, encarregados de digerir a celulose.

Quem não conhece o cupim que ataca a madeira das estantes e mesmo os livros? Diz Monsenhor NABUCO (1959:34-36): “Às vezes se encontram numa estante livros furados pelo cupim – a razão é simples. A térmita estava instalada numa tábua da estante, mas com janelas ou portas de respiração, que um livro, encostado pelo dono, veio imprudentemente obstruir. Os cupins trabalhadores vão incontinentemente furar o livro de fora a fora, para que a família toda possa respirar. Feito o furo, ele continuará a comer a madeira da estante, onde reside, deixando em paz o livro, mas já se tendo vingado de quem ousou privá-lo da sua respiração.”

No Maranhão, segundo Frei PRAZERES (1891:165), “O cupim também muitas vezes ataca os livros e roupas; uma pitada de rozalgar, deitada dentro de sua casa, o mata todos”.

Crendices sobre cupins

Há muitas crendices sobre estes insetos: no Ceará (STUDART, 1910:37): “Pôr o cabelo de uma pessoa na casa de um cupim fá-la morrer quando a casa se fecha”; “introduzir em casa de cupim a chinela ou sapato de uma pessoa é matar essa pessoa”; “cupim na cumieira de uma casa é sinal de sorte do dono ou da dona”. Esta última foi repetida por PEIXOTO (1944:40): “Cupim na cumieira da casa é morte do dono”. Ainda PEIXOTO (1944:41): “Areia no rasto de uma pessoa embrulhada em um trapo e colocada no cupim, lado do nascente, dá a morte à pessoa logo que o cupim comer o pano: enquanto isto, a pessoa está sofrendo. Introduzir o chinelo de alguém em casa de cupim faz o mesmo efeito”, repetida por STUDART (1910:44) e CASCUDO (1971:355).

Há uma adivinha que corre no nordeste, segundo BEZERRA (*apud* CASCUDO, 1971:590): “O nome da casa - É o dono da casa? (cupim)”.

Cupins na medicina popular

Em Pirassununga, SP (VANIN, 1977:26) diz: “Simpatia para umbigo saltado (rendidura ou hérnia umbilical). Ir ao cupinzeiro e pegar aquela terrinha que fica solta ao

redor dele e colocá-la em cima do umbigo saltado. Calcá-la, mas não soltar. Segurá-la por entre os dedos e tornar a trazê-la de volta ao mesmo lugar de onde foi tirada. Repetir o gesto por três vezes seguidas e sempre na primeira sexta-feira do mês. Conforme o cupim recolhe a terra, recolhe o umbigo.”

No tratamento de quebra-dura (hérnia, rendidura) faz-se o seguinte em Betim, MG (TEIXEIRA, 1954:102): “Cura-se este mal com a benzedura: na véspera do tratamento vai-se numa quinta-feira de lua minguante. No dia seguinte o paciente é deitado próximo ao cupim e reza-se o diálogo: – ‘O que cose, Pedro? – Tô coseno, Pai, é tripa quebrada e tripa rendida e veia dismintida’. – ‘Assim mesmo eu coso, com os poder de Deus e da Virgem Maria. Amém’. Um P. N. e uma A. M., apicado pra S. Pedro”.

No século XIX, SPIX & MARTIUS (1938, 1:195) notaram que, para curar o papo ou bócio, usa-se “água exposta durante alguns dias sobre massa socada de casas de cupins.”

LENKO (1962a:276) enumera várias doenças e seu tratamento com cupins: “Os autóctones usam a fumaça dos túneis pretos de cupins, queimados juntamente com embira preta, como inalador, para combater resfriamento e gripe”. Na riquíssima farmacopéia de nosso povo não falta o ‘chá-de-cupim’, cujo preparo é simples: tira-se um coscorão de cupinzeiro, ferve-se, coa-se e adoça-se com açúcar. Nos casos de tosse comprida, tosse rebelde ou sarampo ministra-se três colheres das de sopa, por dia”.

“Os cearenses recomendam, para prisão de ventre, a paçoca feita de pinto pilado com cupinzeiro de cumieira.”

“Durante nosso contato com os índios Pareci, em Utariti, rio Papagaio, em Mato Grosso, registramos mais uma prática onde os cupins desempenham certa importância terapêutica. Capturam estes índios de 4 a 5 cupins (chamam-lhes **mono**), esmagam-nos e com essa pasta esfregam as virilhas das crianças que urinam na rede. Para isso usam exclusivamente uma espécie que possui ninhos subterrâneos, não os construindo jamais à superfície do solo.”

Em Alagoas, para se tratar asma “dar ao doente cupim em água fervente e não lhe dizer jamais o que tomou” (LAGES FILHO, 1934:124).

Os habitantes de Ita (AM) acreditam que “um banho quente com casa de cupim, misturada com ervas finas da floresta, é um preventivo contra bruxarias” (WAGLEY, 1988:248).

Os moradores da Serra da Jibóia (BA) usam o cupim “para tratar casos de gripe e umbigo grande (provavelmente hérnia umbilical) de crianças” (COSTA NETO, 2004:44).

No tratamento de puxado em Alagoas usa-se o cupim cabeça-de-estaca (*Nasutitermes* sp.) (COSTA NETO, 2000:87).

Cupins na alimentação

Muitos povos consomem diversos tipos de insetos, inclusive cupins. WALLACE (1854) registrou no Alto

Amazonas a espécie *Termes flavicollis*, habitando buracos no chão perto das raízes das árvores. Diz que além do tamanduá, esse cupim é apreciado pelos índios: “Neste caso não são as fêmeas aladas que são ingeridas, mas o operário com cabeça grande e mordedor e é por meio de suas mandíbulas que a criatura é encurralada. Um menino índio que vai atrás de ‘cupim’ leva consigo uma cabaça ou uma garrafa-cesto, e procura por um ninho. Então ele remove parte da terra e com um pedaço longo de um vegetal o insere o mais fundo possível, retirando-o com uma fileira de dez ou uma dúzia de *Termes* que se agarram fortemente nele. E ele repete essa operação até encher seu cesto. Esses insetos são também ingeridos vivos ou torrados; neste caso não é o abdômen, mas a sua grande cabeça e tórax que são devorados, e essas partes contêm uma massa considerável de matéria muscular. Esses insetos apresentam geralmente um gosto amargo e não são muito estimados, a não ser pelos próprios índios”.

Registra PEREIRA (1974:279): “Com o nome nheengatu de **maniuara** uma espécie de térmita amarela (escreve P. A. Bruzzi) os índios do Rio Negro conhecem e comem viva ou assada. É o alimento obrigatório das moças no rito puberbatório”. Uma outra espécie é ali chamada **exkó**, não tendo asas. É comida viva, ou depois de assada em pequenos amarrados de folha de sororoca. Ali ocorre outra espécie de cupim que é um petisco dos indígenas do Uaupés e chama-se **euxtuá**.”

LENKO (1962b:407) escreve: “Anotamos a este respeito que nossos índios Macus, durante a estação seca, quando escasseia a caça, completam sua alimentação com cupins. Outros índios, os Maués, famosos produtores do guaraná, não desprezam também estes insetos no seu cardápio. Torrados, secos ao moquém, onde se põem embrulhados em folhas de bananeira, são comidos saboreadamente. “Achamos o prato excelente, com um gosto de terra”, afirmou Nunes Pereira, o estudioso da tribo” (PEREIRA, 1954:46).

“Para os índios Arauaque, os cupins representam também apreciável petisco. Capturam eles estes insetos, introduzindo nos cupinzeiros algumas varinhas; os cupins as agarram com suas mandíbulas, sendo deste modo facilmente retirados”.

“Muitas referências sobre a ‘termitofagia’ temos na África. Os viajantes e cientistas narram frequentemente os episódios da colheita e preparo de cupins para fins gastronômicos, observados entre várias tribos de negros, como os Bongos, Wa-Gands, Monbutus, Bihenos, Pédis, Mkunas etc. As duas últimas tribos comem as formas aladas (sexuadas), soldados, operárias, mas apreciam especialmente as fêmeas, possuidoras de volumoso abdome. Os Mombutus comem os cupins misturados com milho, empregando nos cozidos um óleo extraído dos cupins alados. Os negros de Darfur, nas épocas de fome, comem estes insetos misturados com tamarindos.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO AM. 1962. Escôrço do folclore de uma comunidade. **Revista do Arquivo Municipal** 166: 1-472.
- BAENA ALM. 1839. **Ensaio corografico sobre a Província do Pará**. Pará: Santos & Menor.
- BALDUS H. 1970. **Tapirapé – tribo tupi no Brasil Central**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP.
- BATES HW. 1944. **O naturalista no Rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BODENHEIMER FS. 1951. **Insects as human food. A chapter of the ecology of man**. The Hague: W. Junk.
- BOITEUX LA. 1957. **Poranduba catarinense**. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore.
- BRANDÃO G. 1959. Mogi das Cruzes: monografia folclórica. **Revista do Arquivo Municipal** 162: 1-80.
- BRASILEIRO F. 1951. Monografia folclórica sobre o Rio das Garças. **Revista do Arquivo Municipal** 144: 333-393.
- CAMPOS E. 1967. **Medicina popular do nordeste: superstições, crendices e mezinhas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.
- CARRERA M. 1953. Gafanhotos, praga milenar. **Folha da Manhã**, 25 de out.
- CARRERA M. 1964a. Entomologista “morreu” sob nuvem de gafanhotos. **Folha de S. Paulo**, 2º caderno: p. 3, 7 de abr.
- CARRERA M. 1964b. Baratas domésticas figuram em cardápios. **Folha de S. Paulo**, 4º caderno: p. 3, 26 de maio.
- CARRERA M. 1991. **Insetos, lendas e história**. Brasília: Thesaurus.
- CARVALHO JCM. 1951. Relações entre os índios do Alto Xingu e a fauna regional. **Publicações Avulsas do Museu Nacional** (9): 1-92.
- CARVALHO JCM. 1969. **Notas de viagem de um zoólogo à região das caatingas e áreas limítrofes**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- CASCUDO LC. 1968. **História da alimentação no Brasil: cozinha brasileira (pesquisas & notas)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- CASCUDO LC. 1971. **Antologia do folclore brasileiro. Séculos XVI-XVII-XVIII – Os cronistas coloniais – Os viajantes estrangeiros – Bibliografia e notas**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora.
- CASCUDO LC. 1977. **Locuções tradicionais do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
- CASCUDO LC. 1979. **Dicionário do folclore brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- CÉSAR G. 1941. **Crendices do Nordeste**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores.
- CÉSAR G. 1975. **Crendices: suas origens e classificação**. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, Ministério da Educação e Cultura.
- COSTA LIMA A. 1939. **Insetos do Brasil. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia.
- COSTA NETO EM. 1999. **“Barata é um santo remédio”: introdução à zooterapia popular no estado da Bahia**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO EM. 2000. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO EM. 2003. Entertainment with insects and fighting insects around the world. A brief review. **Etnobiologia** 3: 20-28.
- COSTA NETO EM. 2004. **Os insetos pelos moradores da Serra da Jibóia, Bahia**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO M. 2005. Entomotherapy, or the medicinal use of insects. **Journal of Ethnobiology** 25(1): 93-114.
- ESCHERICH K. 1905. Das System der Lepismatiden. **Zoologica** 43 (XVIII, 1-2): 1-164.

- EVREUX I. 1929. **Viagem ao Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro.
- EXPILLY C. 1977. **Mulheres e costumes do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- FREITAS AA. 1936. **Vocabulário Nheengatú (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) (Língua Tupi-Guarani)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GLIESCH R. 1940. **Curso geral de Zoologia, destinado aos alunos dos cursos complementares e Faculdades de Ciências**. Porto Alegre: Edições da Livraria do Globo.
- GORDON DG. 1996. **The compleat cockroach: a comprehensive guide to the most despised (and least understood) creature on earth**. Berkeley: Ten Speed Press.
- GOUVEIA D. 1926. **Folk-lore brasileiro**. São Paulo: Empresa Graphica Editora.
- IHERING H VON. 1911. Combate às pragas. A pátria das nuvens de gafanhotos. **Chácaras e Quintais** 3(5): 21-23.
- IHERING R VON. 1916. Aranhas e outros arachnoides do Brasil que determinam envenenamento. **Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia** 7(1): 5-9.
- LAGES FILHO J. 1934. *A medicina popular em Alagoas*. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues** 3(1/2): 117-143.
- LE COINTE P. 1945. **O Estado do Pará. A terra, a água e o ar. A fauna e a flora. Mineraes**. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- LENKO K. 1959. Comadre, puxa daqui! (Expulsão das baratas). **Caça e Pesca** 19(221): 17-19.
- LENKO K. 1962a. Cupins na magia, feitiçaria e terapêutica. **Chácaras e Quintais** 106(2): 275-276, 278.
- LENKO K. 1962b. Os cupins na alimentação. **Chácaras e Quintais** 106(3): 407-408.
- LENKO K. 1962c. Crendices e proteção à fauna. **Chácaras e Quintais** 105(1): 55-56.
- LENKO K & N Papavero. 1996. **Insetos no folclore**. 2ª ed. São Paulo: Editora Plêiade.
- Lesser FC. 1742. *De l'Utilité & de l'Usage des Insectes dans la Médecine* (p. 177-193). *Apud* Cap. IV *Theologie des Insectes, ou Demonstration des Perfections de Dieu dans tout ce qui concerne les Insectes*. Chez Jean Swart, A La Haye, 2: 1-317.
- LIMA RT. 1952. Superstições e crendices benéficas de São Paulo. **Folclore** 1(2): 5-23.
- MAGALHÃES J. 1966. **Medicina folclórica**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- MARCGRAVE J. 1942. **História natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- MARICONI MA. 1976. **Folclore do café**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
- MARTINS S. 1986. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- MARTIUS CFP VON. 1939. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MELLO-LEITÃO C. 1944. **Vida maravilhosa dos animais**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MORAES R. 1931. **O meu dicionário de cousas da Amazônia**. Rio de Janeiro: Alba. Vol. 1: 1-203; Vol. 2: 1-206.
- MOTA M. 1969. **Os bichos na fala da gente**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- NABUCO J. 1959. **A conservação das nossas bibliotecas e arquivos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Antunes & Cia.
- NOVAES MS. 1964. **Medicina e remédios no Espírito Santo: história e folclore**. 2ª ed. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial.
- OLIVEIRA SA. 1940. **Expressões do populário sertanejo: vocabulário e superstições**. São Paulo: Civilização Brasileira.
- OLIVEIRA SA. 1948. **Folclore e outros temas**. Limeira: Empresa Gazeta de Limeira.
- ORICO O. 1937. **Vocabulário de crendices amazônicas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- ORICO O. 1975. **Mitos ameríndios e crendices qmazônicas**. São Paulo: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- PALISOT DE BEAUVOIS AMFJ. 1805. **Insectes recueillis em Afrique et em Amérique dans les royaumes d'Oware et de Benin, à Saint Dominique et dans les États-Unis**. Paris.
- PATTON WS. 1931. **Insects, ticks, mites and venomous animals of medical and veterinary importance. Parte II. Public Health**.
- PEIXOTO A. 1944. **Miçangas: fama (folclore) e história**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson.
- PEREIRA N. 1954. **Os índios Maués**. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- PEREIRA N. 1974. **Panorama da alimentação indígena: comidas, bebidas & tóxicos na Amazônia brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- PRAZERES MARANHÃO FREI NS. 1891. Poranduba maranhense ou relação histórica da Província do Maranhão. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro** 54(1): 4-184.
- RONNA E. 1928. **Os insectos do Brasil (notas de economia domestica e agricola)**. São Paulo: Casa Editora Chácaras e Quintaes.
- SAMPAIO FA. 1971. História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencente à medicina. **Anais da Biblioteca Nacional** 89(1969): Tomo II: 1-91.
- SANT'ANNA N. 1944. **São Paulo histórico: aspectos, lendas e costumes**. São Paulo: Coleção Departamento de Cultura.
- SANTIAGO P. 1951. Coisas e loisas do folclore. **Boletim Alagoano de Folclore** 4(1/2): 6-15.
- SANTOS E. 1957. **Histórias, lendas e folclore de nossos bichos**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.
- SANTOS E. 1961. *Os Insetos (Vida e Costumes)*. F. Brigueit & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 1: 1-216 pp., 113 figs.
- SANTOS E. 1982. **Os Insetos (Vida e Costumes). Tomo I**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- SCHADEN E. 1938. Ligeiras notas sobre os índios Choclen de Santa Catarina. **Filosofia, Ciências e Letras** 3(6): 85-91.
- SOUTO FJB, CT ANDRADE & A SOUZA. 1999. Uma abordagem etnoecológica da utilização de animais na medicina popular em Andaraí, Chapada Diamantina, Bahia. *In*: ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1., Feira de Santana, **Resumos**. Feira de Santana: UEFS. p. 48.
- SOUTHEY R. 1948. **História do Brasil**. 2ª ed. Bahia: Livraria Progresso Editora.
- SPIX JB VON & CFP VON MARTIUS. 1938. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- STEINEN K. VON DEN. 1940. **Entre os aborígenes do Brasil Central**. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal.
- STRADELLI E. 1929. Vocabulários da língua geral português-nheengatú e nheengatú-português, precedidos de um esboço de gramática nheenga-umbû-sauá mirí e seguidos de contos em língua geral nheengatú porandua. **Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro** Tomo 104, 158 (2º de 1928): 1-768.
- STUDART G. 1910. Usos e superstições cearenses. **Revista da Academia Cearense** 15: 28-57.
- TAUNAY AE. 1937. Monstros e monstregos do Brasil (ensaio sobre a zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII). **Revista do Museu Paulista** 21: 911-1044.
- TEIXEIRA F. 1954. **Medicina popular mineira**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões.
- VANIN G. 1977. **Crendices, superstições e estórias da terra Curimatá**. Pirassununga: Editora Pirassununga, Pirassununga.
- WAGLEY C. 1988. **Uma comunidade amazônica. Estudo do homem nos trópicos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- WALLACE AR. 1854. On the insects used for food by the indians of the Amazon. **Transactions of the Entomological Society of London** 2(8): 241-244.